

Resposta às 2 perguntas: . Documento dos 9
. FUR

1) Nas grandes linhas estou de acordo com o "documento dos 9". De resto, se o não estivesse no ponto de partida, aí estariam os acontecimentos dos últimos 2 meses a provarem alguns dos pontos mais forte da denúncia feita no documento.

Refiro-me explicitamente à gradual paralização do sistema económico provocada por erros graves tais como: o logro de que a distribuição da riqueza traz o seu aumento; a irresponsabilidade e a ignorância dos processos tecnológicos que levaram às nacionalizações sem critério, provando mais uma vez que essa é uma via em que "a direita se serve da esquerda"; a total ausência de capacidade criadora nos verdadeiros detentores do poder que não tendo ideias para determinarem aquilo que se deve produzir e as condições do processo produtivo, se limitaram a um sloganizado "controle da produção pelos trabalhadores", sem verdadeiro benefício a médio e longo prazo, para os próprios trabalhadores.

Refiro-me também explicitamente à desagregação social que está patente em factos conhecidos: a dialéctica entre, por um lado, a prioridade das organizações institucionalizadas sobre os movimentos sociais tendo no limite a prioridade absoluta do Estado sobre a sociedade pluralista e, por outro lado, a multiplicação de mini-fenómenos sociais que não chegam a ter a dimensão de movimentos sociais mas que paralizam o Estado e tendem a esvaziá-lo de conteúdo; a divisão provocada entre o povo por esquemas populistas ou dirigistas lidos em manuais ou importados de outros países mas nunca respeitando a verdade autêntica do povo que somos em nossa raiz antropológica, cultural e económica; a total dissolução do poder no espaço e no tempo (onde está o poder? o que vai acontecer durante esta manifestação, este fim-de-semana?) conduzindo a profundíssima insegurança pessoal de todos e, em especial, da das camadas mais desfavorecidas da população.

Para além desta verificação dos dois meses passados, sou inteiramente solidária de dois pontos-chave do "documento dos 9 - o projecto de um socialismo aberto e a descolonização, aliás dois tempos de uma mesma realidade.

Para mim, a análise da situação portuguesa conduziu-me e conduz-me à afirmação de que a descolonização é não só "o objectivo principal" como a condição indispensável para que o País possa vir a tornar-se um país também ele próprio internamente descolonizado. Na medida em que formos capazes de realizar um processo de descolonização correcto, manter-se-ão objectivamente as condições para que o país tenha a coesão interna para se lançar no socialismo. Daí eu partilhar inteiramente a preocupação dos 9.

O outro pilar da revolução é a construção do projecto socialista. E o que era fundamental no Programa do MFA é que esse projecto continha, por assim dizer, "ingredientes" iniludíveis de um socialismo. Não de um socialismo standardizado, escolhido entre vários modelos possíveis, mas antes um socialismo aberto, ainda por inventar. Julguei, como muitos outros, que nesse processo iríamos explicitando o que resultasse da vontade do povo e aquilo que se encontrava contido nas linhas programáticas do MFA em que assentaram os primeiros Governos Provisórios. No sector de que fui responsável - os Assuntos Sociais -

elaborei um programa de segurança social, de saúde e de política social global que exprimia exactamente esse socialismo actuante e aberto. Mas o monolitismo dos conceitos de socialismo que vieram a ganhar força impediram a efectivação desse programa e prejudicaram gravemente o povo nos seus direitos fundamentais. Concordo, pela minha própria experiência, com os ^{novos quando} ~~que~~ ~~quando~~ denunciam a nossa impotência para assumirmos com dignidade e responsabilidade todas as etapas da descolonização e ~~em~~ a manipulação de um processo socialista que poderíamos tornar autêntico e, por isso, original e que, afinal, tem estado a ser dirigido.

Não cobre, porém, o meu acordo com o "documento dos 9" a referência ao "ritmo" da revolução. De facto, tal afirmação situa-se no contexto da divisão que hoje correntemente se estabelece entre "avançados" e "moderados". Ora o problema não está aí. Não se trata de refrear um ritmo adquirido porque "o povo não chega lá"! O que está errado, a meu ver, é querer determinar à partida onde se deve chegar. E no processo do socialismo aberto considero o nosso ritmo lentíssimo, já que ~~temos~~ assistido a manipulações e dinamizações que querendo levar o povo para uma só direcção impediram a construção do querer comum, da vontade colectiva, e travaram a marcha do socialismo português.

Julgo que na base de tal facto está a omissão, também patente no "documento dos 9", de uma leitura marxista coerente e actual da sociedade portuguesa, das suas estruturas, dos seus factores de alienação, das suas contradições.

Onde está a análise clara de que a sociedade portuguesa era nos meios de produção (mesmo nos de maior número de trabalhadores) uma sociedade de relações feudais, portanto, pré-capitalistas, coexistindo em todo o território (talvez só com a excepção das aldeias onde a TV não penetra) com enclaves de modernismo, ligando-nos irredutivelmente à problemática das sociedades industrializadas?

Onde está a análise das relações de convivência entre o povo, dos seus modos de associação e partilha e do tecido asdim oferecido para nele talhar a estrutura socialista de organização social?

Onde está a definição nesta sociedade dos contornos da luta de classes perante o aproveitamento "classista", reivindicativo e desagregador, feito da estratificação social herdada do período anterior ao 25 de Abril?

Onde está a descoberta de quais são, neste país real, as classes dominantes e das suas formas específicas de opressão em relação a cada um dos grupos sociais oprimidos para que a libertação possa ser total?

Onde está, sobretudo, a análise das múltiplas revoluções que se sobrepõem nos movimentos sociais posteriores a 25 de Abril?

Qualquer destes pontos exige estudo, reflexão e liberdade para criar a análise e os seus instrumentos, a praxis e a sua metodologia, a teoria e a sua crítica. Para que o "documento dos 9" se possa prolongar numa acção operante, é necessário que colectivamente possamos fazer face a estas e outras questões indispensáveis a uma "via original para o socialismo".